

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A invasão corinthiana –Rio, 05 de dezembro de 1976

Plínio José Labriola de Campos Negreiros*

Resumo: Este trabalho analisa fenômenos em torno uma partida de futebol, entre Corinthians e Fluminense em dezembro de 1976, na qual ocorre o maior deslocamento de torcedores que se conhece na história do Brasil: entre 60 e 70 mil. Emerge dessa partida e da presença dos corinthianos no Rio de Janeiro os mais diversos aspectos de um país sob uma ditadura militar, assim como emerge uma cidade como São Paulo, palco de um fervor cívico-esportivo pouca vezes visto. E o Rio de Janeiro, uma “cidade invadida”.

Palavras-chave: Torcedor do Corinthians – História do Futebol

Abstract: This work analyzes phenomena in lathe a soccer start, between Corinthians and Fluminense in December of 1976, in which occurs the biggest shift of supporters that if knows in the history of Brazil: between 60 and 70 a thousand. It emerges of this start and the presence of the corinthianos in Rio de Janeiro the most diverse aspects of a country under a military dictatorship, as well as emerges a city as São Paulo, stage of a civic-esportivo fervor few times seen. And the Rio de Janeiro, an “invaded city”.

Key-words: Supporter of the Corinthians – History of the Soccer

Introdução

Há eventos nos quais os torcedores apresentam-se como personagens tão importantes quanto os jogadores e outros setores ligados ao futebol. É como se fosse possível a existência autônoma das torcidas. Como se a torcida também tivesse uma história mais fascinante que a do próprio clube. A torcida do Sport Club Corinthians Paulista permite isso.

Assim, importa olhar um evento especial da história do futebol brasileiro, senão mundial. Muito ligado ao futebol e aos seus torcedores, e com forte ligação com um contexto histórico: uma multidão de torcedores, principalmente de São Paulo, faz do Rio de Janeiro uma cidade “ocupada”: é a Invasão Corinthiana. São torcedores sem um título há 22 anos, injetados numa cidade cada vez mais desumanizada, inserida em um contexto de regime autoritário, que apesar dos ensaios de volta à democracia, continuava a aplicar o AI-5. São

* Professor de História do Colégio Assunção e Escola Nossa Senhora das Graças – São Paulo-SP. Doutor em História pela PUC-SP.

Paulo, senão o Brasil, torce pelo seu próprio sucesso através da cores alvinegras do Corinthians.

22 anos sem títulos

O fenômeno corinthiano de dezembro de 1976 exige do pesquisador um olhar especial sobre a História do Corinthians e da sua torcida, em especial, na década anterior à Invasão. Para os corinthianos o ano de 1968 é muito especial: no mês de março uma grande festa pela “quebra do tabu” contra o Santos. Desde 1957, o Corinthians não vencia a equipe de Pelé pelo Campeonato Paulista. Sem um título importante desde 1954, era fundamental acabar com esse tabu. Na noite de 6 de março, com o placar de 2 a 0, o Corinthians quebrou o tabu que tanto o incomodava. Na noite quente de verão, muita festa entre os corinthianos; festa de campeão. (GONDIM, 1976: 38.)

1969, uma tragédia: dois jogadores titulares morrem em um acidente de automóvel. O time, que ia bem no Campeonato Paulista até o evento, perde fôlego e mais uma vez acaba sem o título. Assim, “cerca de 30 mil pessoas — operários com suas marmitas, moças, senhoras, rapazes, homens de negócios, velhos torcedores (...) em peregrinação pela ala central do Parque São Jorge, para ver os corpos inertes de Lidu e Eduardo”. (idem: 40) Nesse ano, outra tristeza: o Corinthians quase venceu a Taça de Prata. Era mais um ano sem títulos. (KFOURI, 1983: 15-16)

Em 1971, o clube do Parque São Jorge conquistou um título menor: Torneio do Povo, que reunia as equipes mais populares do país. Novos fracassos nas disputas mais importantes. Porém, uma única partida talvez tenha mantido a alegria corinthiana nesse 1971: Corinthians 4 a 3, de virada, contra o arqui-rival Palmeiras.

No ano seguinte, uma grande emoção, mas que não resultaram em título: o time quase chegou à final do Campeonato Brasileiro. Nem a vitória era necessária, mas nem isso foi possível: derrota para o Botafogo no Maracanã, 2 a 1.

Emoção forte em 1974: quase veio o título de campeão paulista. Após vencer o primeiro turno, que deu direito de disputar a final com o campeão do segundo turno, o Corinthians perde a decisão final para o arqui-rival Palmeiras. “(...) e a saída do estádio mais parecia um macabro cortejo fúnebre. O silêncio só era cortado pelo som abafado, surdo, impressionante de 200 mil solas de sapato arrastando pelo chão”. (idem: 20)

O mais importante jogador do clube foi responsabilizado pela derrota e praticamente expulso do clube que defendeu por 10 anos. Com a saída de Roberto Rivellino, o time passa por uma grande reformulação e 1975 teve marca fracassos.

No primeiro semestre de 1976, a reprodução do ano anterior: o time fracassa no Campeonato Paulista, depois de um começo fulminante. Mesmo sem grandes adversários pela frente, outra péssima colocação. Completava-se 22 anos ganhar um título importante. Além do fracasso, uma torcida cada vez mais impaciente, que vaiava a equipe, chegando a pedir a saída do presidente Vicente Matheus.

Esta crise foi se avolumando e como um dos desdobramentos naturais, mais protestos dos torcedores e a troca de técnico. Para o segundo semestre, no qual o Campeonato Brasileiro seria disputado, haveria um técnico novo – Duque.

Campeonato Brasileiro de 1976

A participação corinthiana no Brasileiro de 1976 apontava para a repetição de outros momentos: inícios bons, mas com resultados finais frágeis. Além disso, tratava-se de um campeonato marcado pela confusão no regulamento, regra nos campeonatos de então.

Depois de longos meses de disputa, o Corinthians chegava à terceira fase, na qual participou do grupo Q, composto por nove equipes, em que todos jogariam contra todos, com os dois primeiros colocados classificados para as semifinais do torneio.

No início resultados fracos, assim o time precisa teria que vencer as cinco partidas restantes se deseja chegar às finais. Se possível, vitórias por mais de um gol de diferença, para a conquista de três pontos, conforme regra de então. Com histórias diferentes, mas sempre marcadas por uma forte emoção e uma grande participação da torcida, cinco vitórias: Botafogo de Ribeirão Preto, 2 a 1; Caxias, 4 a 1; Ponte Preta, 2 a 0, Internacional, 2 a 1 e Santa Cruz, 2 a 1.

Destas partidas, mais do que o time, a torcida aparecia como personagem fundamental, daí o depoimento do técnico da Ponte Preta Armando Renganeschi: “— A verdade é que o nosso time ficou impressionado com esta torcida, com tanta gritaria. Ninguém sabia mais o que fazer em campo. Mas isso é normal em uma equipe nova como a nossa”. (*Jornal da Tarde*, 19.11.1976: 36)

Além disso, aparecia um outro tipo de torcedor, bem diferente daqueles que estavam acostumados a acompanhar o Corinthians em todos os seus momentos, e que sofriam com as decepções que as campanhas do time geravam, como o governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins. Assim, ao receber os cumprimentos do governador, o atleta Neca

observou: “— Puxa, esse cara é o governador? Eu nem sabia. Também, ninguém me avisou, oras”. (idem)

Com a classificação, a imprensa não cansava de repercutir a força, o tamanho e a paixão da torcida corinthiana. Esta era colocada como capaz de grandes façanhas, como a de quebrar recordes de renda e de público. Capaz dos mais fantásticos atos de amor, relacionava-se tamanha dedicação ao fato do clube não conquistar um título importante. E reforçava-se o apelido da torcida: Fiel.

Nesse sentido, mais de um periódico de São Paulo dedicou esforços para acompanhar os torcedores corinthianos na viagem – em disputa contra o Santa Cruz – para o Recife. Por exemplo, o *Jornal da Tarde*, no seu caderno especial dedicado aos esportes publicado sempre às segundas-feiras, apresentava uma grande reportagem: 2.830 KM CORINTIANOS – Foram 49 horas de uma viagem emocionante, a mais longa excursão de uma torcida de futebol, (O texto é do repórter Marco Antonio Rodrigues, que acompanhou e viveu as apreensões, tristezas e alegrias desses fiéis torcedores.).(Jornal da Tarde, 29.11.1976)

A viagem dos torcedores para ver a equipe chegar às finais do campeonato de 1976, narrada pela imprensa como uma verdadeira epopéia, teria como desdobramento natural a Invasão Corinthiana ao Rio de Janeiro. Pode ser que os diversos personagens envolvidos nesse processo não tivessem uma idéia exata da forte presença de torcedores de São Paulo em apoio ao time alvinegro, nem que a essa caravana tomasse sentidos de unir os paulistas em uma guerra menos contra os cariocas e o Fluminense e mais a favor do Corinthians.

A Invasão Corinthiana

Cinco de dezembro de 1976: para os corinthianos essa data está na memória menos por causa de uma vitória e mais pela forte presença de torcedores do clube paulista em terras cariocas: é a chamada Invasão do Maracanã ou Invasão Corinthiana, evento que se coloca no complicado limiar entre memória e história

Trata-se de um imenso deslocamento de torcedores, basicamente entre as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nesta cidade, 70 mil corinthianos assistem, no estádio do Maracanã, a partida entre o Fluminense e Corinthians Paulista, jogo válido pelas semifinais do Brasileiro, com público de 146 mil pessoas. Na história do futebol do Brasil não se conhece outro evento esportivo com tamanho deslocamento humano.¹ Também do futebol mundial não foi registrado um evento desse tamanho, ao menos em termos absolutos.

¹ Outro exemplo de grandes deslocamentos de torcedores: em 1951, ocorreu a Copa Rio, com a participação do Palmeiras. Na partida decisiva, contra a equipe italiana da Juventus, talvez 40 mil torcedores de São Paulo até o Rio.

Assim que foi confirmada a partida no Rio, a imprensa alimentava o clima de euforia: “a Jovem Pan acompanhará, minuto a minuto, o movimento corinthiano para a hora do grito final, para a explosão que São Paulo espera ouvir desde 1955. (Jornal da Jovem Pan, *Jornal da Tarde*, 30.11.1976)

E com exageros ao afirmar que “durante esta semana, em toda nossa programação (...) estaremos contando a história da Religião Corinthians. Uma religião que os historiadores já estão registrando em suas pesquisas”. (idem)

Os paulistas estão chegando

O fascínio demonstrado pela imprensa paulista associava-se à perplexidade dos cariocas. O que seria a invasão? O que era a torcida do Corinthians? Mas, paulista sabia fazer festa? Eram indagações indiretas que apareciam nas preocupações da imprensa carioca em compreender o que estava acontecendo.

Paulistanos e cariocas tinham, aparentemente, universos distantes. Ainda havia forte a idéia da descontração carioca por causa das praias e da cidade como um todo e São Paulo como um espaço essencialmente relacionado ao trabalho. Paulista trabalha, carioca desfruta dos prazeres da vida.

Assim, quando as notícias sobre as movimentações da torcida do Corinthians começam a chegar ao Rio, as primeiras impressões começam a ser delineadas. Tratava-se de uma dupla descoberta: paulistas conhecendo os cariocas e vice-versa. E a consciência de uma grande presença corinthiana no Rio apareceu rapidamente nas páginas dos jornais cariocas ao se afirmar que “o chefe da torcida, Tantã, afirma que a previsão inclui a ida de 500 ônibus e 20 aviões fretados, além de automóveis e caminhões, somando um total de 50 mil pessoas”. (*Jornal do Brasil*, 30.11.1976)

Ao mesmo tempo, o jornal dúvida que tanta gente de fato venha, pois entendem que “[50 mil] se choca com a realidade, pois seriam necessários 1 mil 500 ônibus, além de outros meios de transporte, para transportar os 50 mil torcedores”. (idem)

E São Paulo deixava de ser a cidade do trabalho: “algumas das grandes indústrias de São Paulo estão dispostas a liberar do trabalho de segunda-feira os operários que forem assistir ao jogo; muitas delas contrataram ônibus para levar seus empregados ao Rio”. (*Jornal do Brasil*, 02.12.1976)

Mas o clima de euforia assumido pela imprensa era quebrado por um artigo do jornalista José Nêumanne Pinto, que de forma crítica e ácida, apresenta e analisa o fenômeno Corinthians. A tese do jornalista é relativamente simples: a torcida do Corinthians é ressentida

por causa dos 22 anos sem títulos e por conta de uma conjuntura favorável, a imprensa de São Paulo adotou o Corinthians como mais uma mercadoria. Assim, afirma que “durante toda a semana, a Rádio Jovem Pan de São Paulo inseriu em sua programação um jingle em que se ouve o hino do Corinthians ‘...salve o Corinthians, campeão dos campeões, eternamente dentro de nossos corações...’ (A publicidade comanda a paixão corinthiana, *Jornal do Brasil*, 03.12.1976)

Porém, independente do papel exercido pela imprensa, esta soube captar esse momento tão diferente quando aponta que “a invasão do Rio por torcedores do Corinthians começou na quinta-feira, e ontem pela manhã eles tomaram conta da Avenida Atlântica, tumultuando o trânsito com carros e enormes bandeiras, provocando os torcedores dos times do Rio”. (*Jornal do Brasil*, 05.12.1976)

Outras tensões eram captadas pela imprensa ao mostrar que “um carioca, gritou, irônico: ‘voltem para São Paulo que pode parar sem o trabalho de vocês, e não atrapalhem o nosso banho de mar’”. (idem)

Tensões que reforçavam estereótipos: São Paulo é o lugar do trabalho e quase exclusivamente só deste; e, é claro, trabalho liga-se imediatamente a sofrimento, a castigo. Já o Rio, é o lugar do prazer, da praia, enfim, uma clara contraposição ao trabalho paulista. A ironia do carioca revela a necessidade de que cada um dos personagens daquele encontro da praia fosse em busca do seu destino: trabalho e praia; sofrimento e prazer. Era o encontro entre desconhecidos.

E se a presença da massa de torcedores corinthianos assustava parte dos cariocas — como também os deixavam perplexos —, também as notícias que continuavam a chegar de São Paulo surpreendiam. Em uma dessas matérias, com um título muito sugestivo, *Corinthiano só trabalha na 3ª-feira*, o clima na cidade de São Paulo poderia ser dimensionado: “nas ruas, centenas de vendedores exibiam gigantescas bandeiras do Corinthians, pessoas andavam aos berros ‘Corinthians! Corinthians!, e os torcedores advertiam; ‘Os corinthianos não vão trabalhar na segunda feira. Só na terça’”. (*Jornal do Brasil*, 05.12.1976)

Com o jogo, parte das previsões se cumpriram. Se não fosse pela maciça presença da torcida corinthiana no Rio, a partida não chamaria tanto atenção. A partida decisiva ficou comprometida pelas fortes chuvas que caíram durante a maior do tempo. A decisão por pênaltis trouxe mais emoção à disputa.

Os jornais de segunda-feira foram invadidos: cada parte do jornal, fosse esporte ou não, falava do jogo e dos corinthianos. O Rio sentiu a invasão. Assim como já estava

ocorrendo com os periódicos de São Paulo, o Corinthians e a sua torcida tinham saído das páginas esportivas e migrado cada todas as outras seções. O noticiário político opinava que “nunca o Rio de Janeiro assistiu a algo semelhante do que ocorreu no último fim de semana, quando foi tomado pela torcida corinthiana, uma gente alegre capaz de mudar o rosto de uma cidade por causa de uma partida de futebol”. (*Jornal do Brasil*, 06.12.1976)

De certa maneira, a participação da torcida do Corinthians e a concretização da Invasão só trouxeram dividendos para os que estavam no poder. A presença oportunista de dirigentes políticos de vários níveis tentando tirar proveitos da euforia corinthiana, porém, não pode ser apresentada de forma absoluta, senão a compreensão pode ser simplificada demais.

Dentro do campo da relativização de que o uso político dos dirigentes ligados ao regime militar, é preciso trabalhar com sentido de perceber que também pode haver outro tipo de leitura para os acontecimentos de dezembro de 1976. Ou seja, mais de que reforça a dominação política sobre a população brasileira, os invasores corinthianos partiram para a subversão da ordem — como gostavam de qualificar os generais de plantão. A alegria da torcida corinthiana tem essa força subversiva. Gasto milhões de litros de combustíveis quando o governo apresenta planos de racionamento dos mesmos combustíveis para a idéia de afrontar a ordem.

Ou mais do que isso: a subversão do prazer. A rigor, não havia nada de produtivo na invasão corinthiana. Além do citado gasto excessivo com combustíveis, a energia gasta não se dirigia para a produção. Aliás, ao contrário: muito deixariam de produzir para acompanhar o Corinthians pelo Rio.

Além disso, a um campo subjetivo que não pode ser verificado com qualquer rigor. Por exemplo: há um grande número de empresas de regiões industriais de São Paulo e do ABC paulista que disponibilizam transporte para os seus funcionários. Esta atitude do patronato pode ser lida como mais um mecanismo de controle sobre os trabalhadores. Porém, não deve ser desprezada a sociabilidade construída por estes trabalhadores durante tão firme jornada.

E outra questão importante: trata-se do espaço público das ruas voltando a ser ocupado. Ainda não é a ocupação política desse espaço. E chamamos de ocupação política essencialmente a luta pelo fim da ditadura militar. Ou seja, no decorrer de 1976, o movimento estudantil, reorganizado, volta com manifestações públicas. Nas primeiras, já no ano de 1977, os espaços públicos são lenta e timidamente ocupados. (DE EUGÊNIO, 1995)

Enfim, mesmo que para torcer pelo Corinthians, mesmo que para sair com seus carros buzinando pelas ruas da cidade, as ruas voltavam a ser ocupadas. Não eram mais as

manifestações populares antes do AI-5; os sujeitos e as intenções eram diversos. Mas a rua voltava a ser um espaço da população

Talvez, como já se afirmou, o Corinthians tenha reinaugurado a ocupação do espaço público. No ano seguinte, em 1977, este espaço público ganha a conotação de espaço político. E o início da luta popular no espaço público pela volta do Estado de Direito, das liberdades democráticas. A rua voltava a ser palco dos embates políticos. Sem qualquer preocupação com o destino da Ditadura Militar, cada corinthiano fez das ruas seu espaço de prazer e alegria.

Os corinthianos que retiravam suas roupas, que desfilavam com suas bandeiras, que tocavam suas buzinas, que jogavam papéis picados e soltavam fogos de artifícios, que gritavam loucamente pelas ruas da cidade, saciavam-se, embriagavam-se de felicidade. Tudo sempre anárquico. Quanto mais fora da ordem melhor.

São esses corinthianos que precisavam ser explicados. Assim, para a semana em que os corinthianos participaram de grandes caravanas, essas explicações eram sempre bem-vindas. As ciências humanas são chamadas para desvendar esse fenômeno Corinthians.

Por isso vale destacar a conclusão apontada pelo sociólogo Sérgio Miceli, principalmente porque ainda era mais fácil tratar o futebol com um eficiente mecanismo de alienação popular. Na memória da intelectualidade ainda estava muito presente o uso político que a Ditadura Militar havia feito do esporte mais popular do país. Assim, afirma que “o Corinthians é menos um time do que uma militância, menos uma torcida desinteressante do que uma organização embrionária de anseios populares”. (*Jornal do Brasil*, 13.12.1976)

Era preciso, ainda, um olhar que não fosse da academia. O cronista Lourenço Diaféria já sob o impacto da derrota na final do campeonato faz isso: “a grande festa popular tomou conta dos edifícios, das favelas, das praças e das avenidas, sem necessidades de fantasias encomendadas, sem paetês oficiais, sem cobrança de ingresso, e sem a repressão dos cordões de isolamento”. (*Folha de S. Paulo*, 14.12.1976)

Fontes e Bibliografia

Documento Sonoro

- Gravação da narração radiofônica da partida Corinthians 1 x 1 Fluminense, 05/12/1976. Narração: Osmar Santos; Repórteres de Campo: Fausto Silva e Cândido Garcia; Rádio Jovem Pan, São Paulo.

Periódicos

- Folha de S. Paulo, novembro/dezembro de 1976.
- Jornal da Tarde, novembro/dezembro de 1976.
- Jornal do Brasil, dezembro de 1976.

Livros/Artigos

- DE EUGÊNIO, Marcos Francisco Napolitano. Representações políticas no movimento Diretas-Já. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995, p. 207-219.
- GONDIM, Nailson. *Corinthians – Paixão do povo*. São Paulo, Global, 1976.
- KFOURI, Juca. *A emoção Corinthians*. São Paulo, Brasiliense, 1983.